



## **O Uso do Relato Humanizado no Resgate da Memória: casos de Perfis Polônicos de São Mateus do Sul<sup>1</sup>**

Larissa DRABESKI<sup>2</sup>  
Paulo Roberto ARAÚJO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### **Resumo**

Abordamos neste artigo o Jornalismo com viés humanizado. Para tanto, é analisada a sua utilização em trabalho com perfis de idosos de São Mateus do Sul – PR. Recuperamos o histórico da objetividade no Jornalismo brasileiro. Posteriormente, quais os diferenciais que o relato humanizado pode trazer à imprensa, se comparado ao texto baseado nos ideais da objetividade.

### **Palavras-chave**

Jornalismo humanizado, perfil, objetividade, entrevista.

### **Introdução**

Neste artigo, pretendemos analisar a aplicação da humanização no Jornalismo. Para tanto teremos como base um trabalho realizado com idosos na cidade de São Mateus do Sul – PR. No trabalho em questão, construímos perfis com o objetivo de resgatar a memória de uma comunidade colonizada por poloneses. O aspecto humano esteve presente em todas as etapas do processo, o que leva à reflexão sobre a importância dada ao ser humano em trabalhos jornalísticos atuais.

No primeiro momento, retomamos a adoção da objetividade no Jornalismo brasileiro. Em seguida, abordamos como a humanização pode ser trabalhada em trabalhos jornalísticos, com enfoque especial no gênero perfil.

Por fim, apresentamos o trabalho desenvolvido e analisamos como a postura e o relato humanizado foram utilizados nele, bem como os resultados assim alcançados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior, IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012, em Chapecó-SC.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria, e-mail [laridra@gmail.com](mailto:laridra@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador: professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria.



## O advento do Jornalismo objetivo

Nos anos 1950, o jornal Diário Carioca passou por uma reforma editorial, a partir da qual passou a adotar o *lead*, ou seja, as perguntas padrões que deveriam ser respondidas já no primeiro parágrafo da reportagem. Na mesma década, o conservador O Estado de S. Paulo também se rendeu a uma reforma editorial seguindo uma tendência no jornalismo da época (FERREIRA JUNIOR, 2010).

Foi no século XIX que surgiu a busca pela objetividade no Jornalismo. Era um período em que o Jornalismo padecia pela falta de credibilidade, decorrente de duas razões principais: a experiência da propaganda na Primeira Guerra Mundial e o nascimento da profissão de Relações Públicas, considerado um ‘criador de notícias’ (MARCONDES FILHO, 1986).

A primazia pela objetividade, adotando um método que busca se aproximar do científico, surgiu como uma forma de reestabelecer a confiança no Jornalismo. Os novos procedimentos defendidos eram: exposição dos dois lados da questão, apresentação de provas auxiliares, uso judicioso das aspas e estruturação da informação na forma de pirâmide invertida, em que os fatos mais importantes devem ser apresentados no início do texto. Os próprios jornalistas da época não acreditavam que a objetividade seria possível, mas ela funcionava (e funciona até hoje) como um norteador para a profissão (MARCONDES FILHO, 1986).

Se a objetividade parecia adequada para jornalistas que deviam redigir notícias padronizadas e em escala quase industrial, por outro lado, o Jornalismo perdia muito de sua riqueza. De acordo com Mazini (2010), as técnicas objetivas são insuficientes para mediar conflitos sociais, uma vez que esses são demasiadamente complexos para serem reduzidos às cinco perguntas preestabelecidas do *lead* (quem, quando, onde, como e por que).

Nesse processo de busca pelo relato objetivo, o ser humano acabou sendo deixado de lado. Medina (1995) chegou a afirmar, com certa ironia: “O jornalismo noticioso ortodoxo não admite esses luxos com o indivíduo, que não merece tanto espaço...” (MEDINA, 1995, p. 51).



## A entrevista retomando o espaço do indivíduo

Para fugir ao imperialismo da objetividade, Medina (1995) propõe outra forma de abordagem jornalística, que ofereça espaço às manifestações do ser humano. Essa humanização deve começar já no processo de captação do material jornalístico – a entrevista, neste caso.

Há diversas maneiras de se realizar uma entrevista, no entanto, se esta estiver engessada com perguntas preestabelecidas, não vai alcançar o patamar desejado, como comunicação humana: “Quando ocorre uma entrevista dirigida por um questionário estanque ou motivada por um entrevistador também fixado em suas ideias preestabelecidas [...] ou no autoritarismo impositivo, o resultado frustra o receptor. (MEDINA, 1995, p. 6)

Por outro lado, se a entrevista é conduzida de forma a se tornar um diálogo, permite ao repórter captar um perfil humano: “É a *humanização* conquistando um espaço na comunicação coletiva.” (MEDINA, 1995, p. 51).

Medina (1995) ainda defende que: “Enquanto insistirmos na competência do fazer, despojada de significado humano, pouco se avançará no diálogo possível numa sociedade em que impera a divisão, a grupalidade, a solidão” (MEDINA, 1995, p. 6). Sobre a entrevista, ela afirma:

Sua maior ou menor *comunicação* [da entrevista] está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo (MEDINA, 1995, p. 7).

Para compreendermos melhor a “intimidade” proposta entre entrevistador e entrevistado, é válido resgatar o conceito de comunicação:

**Comunicação:** *sf* (*lat communicatione*) **1** Ação, efeito ou meio de comunicar. **2** Aviso, informação; participação; transmissão de uma ordem ou reclamação. **3** *Mec* Transmissão. **4** Relação, correspondência fácil; trato, amizade. **5** *Sociol* Processo pelo qual idéias e sentimentos se transmitem de indivíduo para indivíduo, tornando possível a interação social [...].(MICHAELIS)



Podemos nos ater à quinta definição, segundo a qual a comunicação nada mais é que a interação entre dois indivíduos. Ou seja, a entrevista só gera comunicação se há real interação entre os envolvidos.

Com base nessa visão apresentada, passamos a analisar: como essa interação semelhante ao diálogo pode contribuir para o Jornalismo, em que muitas vezes impera a objetividade? Como o Jornalismo Humanizado pode existir na prática? E quais contribuições essa interação entre jornalista e entrevistado podem trazer para a apuração de uma pauta?

### **O espaço para humanização no gênero perfil**

O trabalho aqui analisado foi realizado com objetivo de resgatar a memória da colonização polonesa em São Mateus do Sul, município do interior do Paraná. A região foi colonizada por imigrantes poloneses em um período conhecido como ‘febre brasileira’, que levou esse nome pela quantidade de famílias provenientes da Polônia que chegaram ao Brasil. Esse período durou, aproximadamente, de 1889 a 1892. (GLUCHOWSKI, 2005).

As entrevistas começaram a ser realizadas ainda no início de 2010 e o trabalho foi concluído em dezembro de 2011. Foram entrevistados cinco idosos, com idade superior a 70 anos, todos filhos ou netos de imigrantes poloneses. Os perfilados tinham em comum também a identificação com a cidade, mesmo quem não nasceu em São Mateus do Sul, passou a maior parte da vida no município. Além disso, todos tinham proximidade com a cultura polonesa. Desta forma, chegamos aos seguintes personagens:

- Pedro Araseski
- Sofia Zimny
- Tadeu Przyvitowski
- Mieceslau Juaski
- Danuta Janoski



No processo de apuração, utilizamos a entrevista de História Oral como método. O conteúdo dessas entrevistas deveria subsidiar textos jornalísticos, para isso, foi escolhido o formato do texto biográfico perfil, que também dá espaço ao relato humanizado.

De acordo com Meihy (2000), a humanização das percepções é matéria essencial da História Oral. Neste caso, o caráter humanizado é reforçado pela proximidade da autora com o tema, tendo em vista que é descendente de imigrantes poloneses e é natural de São Mateus do Sul, onde conviveu com a comunidade polônica.

Embora, no Manual de História Oral, Meihy (2000) defenda a utilização de um questionário que guie as entrevistas, nós optamos por seguir a linha defendida por Medina (1995), a de que a entrevista deve ser um diálogo, pois quando esta se baseia apenas em questionários estanques, o resultado frustra o leitor. Além disso, de acordo com Medina (1995), quando a entrevista se torna um diálogo, é possível captar o lado humano do personagem.

Para a definição de perfil, utilizamos como referência Vilas Boas (2003), que faz uma tomada dos diversos conceitos criados para o gênero. O primeiro seria “reportagem narrativo-descritiva de pessoa” para Oswaldo Coimbra.

Dentro das Ciências Sociais, há a definição como História de Vida, na qual, dá-se atenção às narrativas de vida dos indivíduos ou de grupos sociais. Nesses casos, as narrativas contribuem para uma versão humanizada de determinado tema ou fato (VILAS BOAS, 2003).

Outro termo proposto é a “biografia de curta duração (*short-term biography*)”, para Steve Weinberg. Embora, trate-se de um texto biográfico, o perfil difere-se da biografia por ser uma narrativa curta. No primeiro, são focalizados apenas alguns momentos da vida do personagem, enquanto a segunda, muitas vezes resgata desde a vida dos progenitores para reconstruir a história do personagem (VILAS BOAS, 2003).

Vilas Boas salienta a relevância da humanização em um perfil:

Quando prima pela humanização, com tudo o que isso implica, o texto-perfil é irresistível. Humanizar não é um mistério, não. [...] Em vez de formular hipóteses, entre no mundo da pessoa sem preconceitos; conheça-a em suas grandezas, fraquezas e rotinas; frequente os lugares que ela frequenta; capte sua visão de mundo e suas marcas de temperamento. Não fique preso a abstrações (dados curriculares, números, performances). Mais importante é o que os personagens e seus convivas exprimem de dentro para fora. Ops, importantíssimo: não idealize ninguém. As pessoas são o que são. E que assim sejam. (VILAS BOAS, 2008, p. 40)



Outra característica que torna o perfil um texto ainda mais humanizado é sua natureza autoral. O autor dá seu toque subjetivo na construção da história. O perfil é, em outras palavras, a visão do autor sobre o personagem. “Existem tantos modos de reportar quanto repórteres trabalhando numa redação. [...] Impossível que as experiências pessoais não se confundam com a temática que estiver trabalhando” (VILAS BOAS, 2003, p. 13). O autor explica que os processos de criação são multidimensionais e combinam cinco elementos característicos do trabalho autoral: memória, conhecimento, imaginação, síntese e sentimentos. Vilas Boas (2008) ainda acrescenta: “Condição *sine qua non* em um perfil, portanto, é a interação do ator com o personagem, seja quem for” (VILAS BOAS, ANO, p. 40).

### **Análise dos resultados**

A partir dos perfis desenvolvidos e editados em formato de livro-reportagem, podemos analisar a presença da humanização no trabalho e a contribuição desta para o Jornalismo.

As histórias de indivíduos contadas no formato de perfil trouxeram à tona muitos detalhes da história do município de São Mateus do Sul que não estão contemplados nos registros históricos oficiais.

É válido ressaltar que, embora se quisesse resgatar a história e saber detalhes sobre a cultura, o foco principal era o indivíduo. Portanto, os entrevistados tiveram liberdade para contar e destacar as passagens de suas vidas que considerassem mais importantes ou adequadas ao momento.

No momento de construção dos perfis, o aspecto humano também foi priorizado. Então, por mais que os relatos históricos constem no trabalho, é sempre a figura do indivíduo que sobressai.

Com relação aos aspectos sobre a cultura polonesa, esses aparecem permeados ao longo dos textos. Para facilitar a análise, abordaremos separadamente os seguintes tópicos: religião, trabalho, lazer e educação.



Quanto à religião, Gluchowski (2005) salientou que nas comunidades polonesas, a relevância da Igreja não estava apenas no quesito religioso. O padre, além de autoridade religiosa, contribuía para a organização da colônia.

A ida à missa aos domingos é fato citado pelos cinco entrevistados, como no trecho abaixo, retirado do perfil de Tadeu:

*Quando a única Igreja existente era a matriz de São Mateus e os colonos andavam quilômetros a pé ou de carroça até a missa.*

*Na casa de Tadeu era assim, em um domingo, ia o pai e a mãe de carroça até a Igreja. Na outra semana, era a vez dele e da irmã.*

E no seguinte, do perfil de Mieceslau:

*Mieceslau foi educado em uma família católica praticante, na qual a ida à missa aos domingos era obrigatória. Quando a chuva vinha em demasia e impossibilitava a jornada até a Igreja, a mãe reunia os filhos e juntos passavam uma hora em oração. Depois de cumprir a obrigação cristã poderiam passear e se divertir.*

Quando esses descendentes dos colonos falam sobre seus trabalhos, deixam transparecer as principais atividades econômicas da cidade há algumas décadas. Pedro e Tadeu trabalharam em ervateira. Pedro trabalhou também na abertura das estradas e Tadeu em olaria. Danuta e Sofia aprenderam o ofício da costura. Mieceslau, embora tenha trabalhado em outros ofícios, sua principal atividade sempre foi a música. Os relatos do trabalho no campo também se repetem em todas as histórias, revelando a vocação agrícola da cidade, que se mantém ainda hoje.

Nas colônias polonesas não havia muitas opções de lazer. A principal atividade eram os bailes que muitas vezes aconteciam nas próprias casas dos colonos. A relevância dessas festas pode ser notada no fato de todos os entrevistados terem histórias para contar sobre esses bailes.

Conforme Wachowicz (1970), decretos-leis do governo federal de 1937 e 1938 determinaram a nacionalização total do ensino no Brasil. Até então, muitas das escolas existentes tinham sido fundadas por imigrantes e mantidas por meio de uma sociedade –



as chamadas sociedades-escola. Nesses ambientes, as aulas aconteciam geralmente em língua estrangeira. Os registros oficiais da história relatam que o povo polonês esforçava-se para que as crianças tivessem educação, por isso, fizeram o possível para se adequar à nova legislação adotando o ensino em língua brasileira e incluindo conteúdos nacionalistas, tudo para evitar que algumas escolas fossem fechadas.

Os cinco personagens frequentaram escolas nas colônias. Seus relatos não tratam dos detalhes da legislação, mas contribuem para o aspecto humanizado da história. Quando Sofia estava em idade de ir à escola, seu pai fizera questão que estudasse em uma escola polonesa, a Casemiro Pulaski. Já Tadeu, cerca de 20 anos mais novo, sofreu na escola para se adaptar ao idioma brasileiro. São realidades bastante diversas, reflexo de períodos diferentes da história das escolas polonesas.

Permeada nos perfis, podemos notar a chegada da modernidade. Pedro só aprendeu a dirigir com mais de 60 anos, porque carros eram quase inexistentes. Mieczslau que nasceu quase duas décadas mais tarde também conheceu uma cidade com poucos carros, no entanto, seu contato com automóvel foi bem mais jovem. Ao seu casamento já chegou a bordo de um.

Dessa forma, os relatos individuais, se não são demonstrativos do todo, ao menos são capazes de trazer luz sobre episódios registrados sem muitos detalhes nos documentos históricos.

### **Considerações finais**

O desenvolvimento do presente trabalho proporcionou experiências nas diversas etapas de um produto jornalístico. Da definição da pauta à edição do produto para posterior publicação, passamos também pela apuração, análise dos dados e redação.

Durante todo o processo, o ser humano era o foco principal. O resultado foram textos em que os personagens tinham vida. Entretanto, o fato do indivíduo ser o ponto central das narrativas, não significou menor ligação com fatos históricos. Pelo contrário, o relato humanizado proporcionou uma compreensão maior da realidade.

No caso deste trabalho, foi escolhido como suporte o livro-reportagem, por fornecer a liberdade necessária para experimentação em diversos âmbitos. O resultado é um produto marcado pela subjetividade, que, neste caso, não é encarado como algo negativo, mesmo em se tratando de um trabalho jornalístico. Espaços que fogem à mídia



convencional possibilitam experimentações e podem ser o espaço necessário para que a humanização tome conta do Jornalismo.

A subjetividade – por vezes combatida no Jornalismo – da visão dos personagens e da própria autora acaba enriquecendo o relato e contribuindo para resgatar a história de uma comunidade. Somente os relatos orais são capazes de lançar luz sobre tantos detalhes que ficam esquecidos nos registros históricos escritos e detalhes importantes sobre a colonização que, do contrário, acabariam se perdendo no tempo.

Na construção dos perfis utilizamos o estilo Jornalismo Literário, que se mostra o estilo ideal, uma vez que permite ao jornalista fugir dos padrões da imprensa cotidiana, insuficientes, até então, para registrar a trajetória da referida comunidade. Além disso, os recursos literários usados na narrativa podem atrair a atenção de leitores que não se interessem pelo tema.

Outro fator observado, é que a memória individual pode ser utilizada para resgatar aspectos da memória coletiva. Mesmo utilizando o método da História Oral em que o foco é nas experiências individuais, notamos que todos os perfis trazem muitos aspectos da cultura da comunidade. Além disso, é interessante observar como as mudanças na cidade são percebidas e relatadas para os personagens já na velhice, que agora dedicam muito mais tempo a refletir sobre a vida.

Sempre que foge dos preceitos ortodoxos e expande seu campo de atuação, o Jornalismo coloca-se mais próximo da sociedade e a serviço desta.

### **Referências bibliográficas**

**FERREIRA JUNIOR, J. A Fundação da Objetividade No Texto Jornalístico Brasileiro:** o lugar da técnica e o lugar de contar história em O Jornal do Povo de São Luís na década de 1950.

**GLUCHOWSKI, K. Os poloneses no Brasil:** subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

**MARCONDES FILHO, Ciro. O capital da notícia.** São Paulo: Ática, 1986

**MAZINI, A. G. O uso da descrição e do diálogo aberto na narrativa jornalística:** Em busca de um jornalismo (re)humanizado. Disponível em:



[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/29/08\\_-\\_O\\_uso\\_da\\_descricao\\_-\\_Andre.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/29/08_-_O_uso_da_descricao_-_Andre.pdf). Acesso em 14 de abril de 2012

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. Editora Ática: São Paulo, 1995.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MICHAELIS (Ed). **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em:<  
<http://michaelis.uol.com.br>>. Consultado em 19 de abril de 2012.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003

WACHOWIZ, R. C. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. In: Anais da comunidade brasileiro-polonesa. Curitiba, 1970